

CRÍTICOS E CRÍTICA DE ARTE EM TORNO DA OBRA DE D. CARLOS DE BRAGANÇA

AGOSTINHO ARAÚJO

Membro do grupo «Memória, Património e Construção de Identidades» da Unidade de I&D (FCT) CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, Faculdade de Letras, Universidade do Porto. aaraujo@letras.up.pt.

Na época – e é esse o terreno que nos importa em rigor reconhecer – não faltaram ao rei D. Carlos, mesmo da parte de adversários políticos, elogios ao largo conjunto dos seus atributos e essa visão integrada não pode ser esquecida, isolando-se artificialmente a focagem no artista.

Algumas das palavras então registadas são de facto bastante insuspeitas. Em 1901, Bernardino Machado, conselheiro da Coroa que se convertera ao republicanismo e viria a ser Presidente do novo regime, afirmava:

Raras vezes tão preciosos dons pessoaes esmaltarão a corôa como hoje em Portugal. O rei dá o exemplo do estudo, do gôsto pelos prazeres intellectuaes, naturalista e pintor apreciavel, e até o exemplo do enrijamento physico, que não nos é menos necessario. Quasi todos têm que aprender com elle a amar por equal os exercicios do espirito e do corpo, e a preparar-se assim cabalmente por meio d'uns e d'outros a bem servir a nação. Modesto no trato intimo, a sua palavra tem vibração, sonoridade e calor em meio das assembléas solemnes. Não fraquejando nunca nas situações difficeis, a sua coragem é simpathica, ainda mesmo quando juvenilmente a desperdiça em aventuras de solidariedade dictatorial com ministros mais cautelosos do que elle. E a tempera honesta do seu character, tem-na provado bem, resistindo na sua vida particular, mais do que ao contagio da corrupção, ás tentações e armadilhas dos politicos com pretenção a validos.

A rainha é tão boa, que não há miseria de que o seu coração generoso se não amerceie; e, por onde ella passa, o seu dôce sorriso reconforta as almas. E, para nada faltar ao

throno português, tem junto a si a rainha-mãe, que o realça e doira artisticamente com todo o prestígio do seu grande talento decorativo.

E quantos são os que em Portugal crêem na monarchia? Quem está convencido de que ella se preoccupa devotadamente com os graves problemas da vida nacional? O rei faz sondagens no nosso mar? transporta para a téla scenas da nossa terra e dos nossos rios? Diverte-se! diz o povo. Monta a cavallo? barqueia? entrega-se a qualquer sport civivo? Agora é que elle vai satisfeito! dizem os politicos dirigentes.

Porquê esta falta de confiança? É talvez por causa da indifferença politica, que não é o mesmo que neutralidade partidaria, da familia reinante. Na vida publica, a todos recebe e trata e esquece e abandona egualmente. E essa indifferença nas senhoras será excesso de retrahimento, mas no rei parece desapego pela nação.

Dir-se-hia mesmo desdem de morgado, e que o chefe d'estado só sahe d'essa indifferença pela veleidade despotica de querer affirmar o seu arbitrio soberano, condecorando com as suas bôas graças e elevando até á suprema auctoridade ministerial creaturas impopulares. Será um equívoco?¹.

Também Fialho de Almeida, profundamente desiludido com os inícios da República, por quem tanto incendiara as suas páginas, tentará traçar de D. Carlos um retrato final equilibrado:

Entre taes extremos suponho dêva medir seus passos a historia, acautelando-se de dar á figura do rei-martyr, qual a ferocidade sinistra do monstro, qual a rigidez archaica do idolo, pois nem d'um nem d'outro se trata, e não há razão para da serena analyse dos factos se não colher o depoimento justificativo d'uma estatura de homem superior, intelligente, culto, bravo e mesmo generoso (...).

De feito, se vamos ás prendas que ornaram, no campo da pura cultura mental, o espirito de D. Carlos, vemos um homem com uma somma de ideias geraes permitindo-lhe dirigir vistas para uma infinidade de questões, interessando-se, não direi como um sabio, mas como um Mecenas lucido, por uma especialidade scientifica, amando as bellas coisas, fazendo elle mesmo arte como um pastelista de talento, e enfim exagerando um pouco a mania dos sports, o que até certo ponto havia utilidade n'um paiz onde ainda há pouco a gymnastica era uma coisa só aconselhada aos acrobatas.

O seu furor pela caça?... Mas quasi todos os principes o teem, e até por imitação, certos presidentes da republica, que são monarchas a dias – pois na verdade o que hão-de fazer os reis, los de verdad, senão cevar em coelhos e perdizes as ancestralidades fogosas com que a sua proveniencia de castas guerreiras lhes trabalha o sangue, n'esta epocha em que as guerras são mais de Bolsa que d'exercitos, e em que para os individuos até os codigos de honra preconizam, em vez de duelos, indemnisações pecuniarias?

Recolhi pacientemente o testemunho de duzentas ou trezentas pessoas que me pareceram desinteressadas e serenas, isto é, sem expoente politico acirrado e que todas trataram

¹ MACHADO, 1901: 249-250.

e viram de perto o rei D. Carlos: pois nenhuma diverge d'esta opinião charmée que o monarcha mais ou menos accentuadamente lhes deixou.

Quem tratava com elle podia não acquiescer na sua fôrma laxa e nonchalante de fazer governo, mas nunca deixou de vir do palacio impressionado pela sua maneira fina e subtil de tocar os assumptos de palestra, os mais diversos, pela sua agilidade mental de homem afeito a fazer da intelligencia um sport quotidiano, e mesmo até da sua lata comprehensão por coisas a que ordinariamente os da sua entourage eram alheios².

Três desenhos originais do príncipe, produzidos pela idade de vinte e três anos, terão sido dos primeiros trabalhos seus a ser publicados, no número de 20 de Fevereiro de 1887 d'A *Illustração*, editada em Paris. Feitos à pena, com assinatura e data («Carlos 1886»), foram então legendados «Nº um leque. – Paysagem»; «Typo de ovarina»; «Fantasia...» [retrato de mulher, busto]³.

No respectivo texto de apresentação, subscrito em nome da luxuosa revista (amplamente divulgada em Portugal e no Brasil graças ao poderoso David Corazzi, neste caso agindo como distribuidor) e portanto da autoria do proprietário e director Mariano Pina, há o cuidado de caucionar a revelação e o mérito da sua antevisão:

Orgulhosos dos valiosos penhores que nos haviam sido dirigidos por intermedio d'um querido amigo e distincto prosador – não resistimos ao prazer de os mostrar a alguns dos notaveis artistas que frequentam a redacção do nosso collega o Monde Illustré de Paris.

E todos esses notaveis pintores e desenhadores parisienses tiveram phrases d'admiração diante d'estes desenhos á penna, tão delicadamente executados, feitos com tanta verve e tanta largueza, e que nós hoje reproduzimos fielmente por meio dos nossos processos photographicos.

O sr. Duque de Bragança revela n'esses desenhos elegantissimos um talento superior d'artista, que seria superfluo elogiar, se ao talento superior do Principe não andasse ligada a importancia que d'estes trabalhos ha de advir para a arte nacional, e que é necessario pôr em relevo diante do publico⁴.

Em Setembro de 1888, ao apreciar as obras de arte que ornavam, no pavilhão central, a Exposição Nacional das Indústrias Fabris, realizada na Avenida da Liberdade pela Associação Industrial Portuguesa, Monteiro Ramalho, zurzindo na «quadrilha luzida de aguarelleiros», não poupa também D. Carlos: «Sua alteza o duque de Bragança, outro casanovista, aguarella puerilmente uns estudos deslavados de marinhas calmas e chatas, com a impericia canhóta d'um amador»⁵.

² ALMEIDA, 1912: 90-93.

³ PINA, 1887: 57.

⁴ PINA, 1887: 50.

⁵ RAMALHO, 1897: 225.

Mas quando deu a lume em 1897 a recolha das intervenções na imprensa, pretendendo reflectir «os lanços principaes da renovação da arte portugueza» e «demarcando ao mesmo tempo algumas passadas» da sua «jornada d’escritor», não deixou, numa das raras revisões efectuadas, de se actualizar em nota de rodapé: «Ninguem diria effectivamente, á vista das aguarellas do principe, que o senhor D. Carlos viesse mais tarde a illustrar o nome dynastico de Rei com a documentação do seu talento generoso d’artista, concorrendo ás exposições do *Gremio Artistico* com admiraveis trabalhos de pastel e de pintura a oleo, onde a vivacidade do colorista não contraria as claras manifestações d’um sentimento fundamental da natureza»⁶.

Mais tarde, a cerca de quatro anos e meio⁷ do brutal corte do rumo ascendente do pintor, Monteiro Ramalho tem já uma visão a um tempo mais abrangente e mais detalhada:

E ahí temos nós, todos os annos, o exemplo d’um rei, – do nosso Rei, está claro, – prompto a livrar-se das peias officiaes, que devem ligal-o como cintas de mumia, para vir ás exposições abertas ao publico patentear os productos soberanos do seu talento d’artista, de parceria com os profissionaes (...).

Postado no cume da organização politica do paiz, com a cabeça sobrecarregada pelo velho symbolo da corôa, o Sr. D. Carlos não pode furtar-se ao exhibicionismo adstricto á chefatura do Estado, e tem d’enredar a sua existencia na roda etiqueteira d’uma côrte. Gosta ainda de dar folgas aos atavismos confluidos no seu temperamento bem portuguez, ostentando predilecções por touradas e navegatas costeiras. Mas, apesar de tudo, encontra tempo de feição para se refugiar no isolamento fecundo do gabinete de trabalho, absorvendo a sua intellectualidade n’esse idealismo activo que exalta todos os espiritos como um dom de poesia.

Então, medita em paz sobre o turbilhão de vidas innumeraveis que se agitam nas profundidades do oceano, e sente a commovida ambição de transmitir aos outros as impressões colhidas nas suas curiosas explorações maritimas, para se enfileirar na ala dos pesquisadores graphics dos mysterios do globo. Ou, entretido pela inspiração esthetica, maneja laboriosamente os esfuminhos de côres, e traça alguns dos seus deliciosos desenhos a pastel, em cujas tonalidades intensas se reproduzem e fixam, com fulgurantes reflexos da magia eterna que acompanha os espectaculos da natureza, effeitos luminosos de vagas em cachão e d’aureolados poentes, observados com amor e executados com brilho, ou scenas movimentadas de pescarias a que não falta o rude cunho dramatico das fainas do mar.

Depois de uma evocação da *Resposta do Inquisidor* em que ecoa parte da certa leitura logo feita em 1894 por Ribeiro Artur, que adiante encontraremos, prossegue o irmão do pintor António Ramalho:

⁶ RAMALHO, 1897: 225-226.

Mas a sua communicativa e ardente sinceridade, ou melhor, a sua effusão de meridional, que estremece ao contacto da terra querida, manifesta-se sobretudo nos admiraveis estudos da paisagem ampla do Ribatejo, com os mouchões verdoengos da borda d'agua, por onde os caçadores obrigam a fugir os patos bravos, na meia claridade das madrugadas tredas; e com os tratos de charneca onde os touros passeiam ás manadas, como senhores possantes do solo, tendo alli algum character d'entes consagrados pelas adorações e pelos pavôres dos habitantes d'aquella região typica; e com as vastas planicies de campinas e lezírias, desenroladas sem fim até aos quentes horisontes, e relevadas apenas, de longe a longe, pelos vultos dos choupos e das medas conicas de palha, que se assemelham a monumentos frageis e toscos da labuta rustica.

O sentimento da côr é a sua qualidade mestra, em tudo preponderante; e leva-o sempre a escolher os mais pittorescos assumptos. A diversidade, ao mesmo tempo, deleita-lhe a mão expedita, dotada d'extrema aptidão e guiada por intuições lucidas, embora tenha de recorrer por vezes a alguns toques d'artificio para vencer, com graça, certas difficuldades mais impertinentes do acabamento. E a sua alma satisfeita, durante as breves horas que são compatíveis com as imposições e as distracções do seu ambito social, consegue afinal evadir-se para a elevada atmospheria d'encantamento, que a Arte sabe proporcionar a quem se lhe entrega com devoto coração...⁸.

Em 1892, aquando da apresentação de algumas obras de amadores na rotunda interior da Livraria Gomes, a posição de Fialho de Almeida é ainda vincadamente preconceituosa e gratuita, no seu abuso do trocadilho fácil que rápido se volve da pintura para o pintor, distraído de responsabilidades políticas tão sérias quanto a dureza do castigo aos implicado na revolta militar do Porto:

O snr. D. Carlos tem a pastel um navio phantasma, n'um ceu de gemma d'ovo, nada mal feito – o diabo é se com os pasteis lhe acontece o mesmo do que com os discursos da corôa. Nada mal feito! e melhor seria, se a mão que passeia os ocios na nobre arte de Rosa Araujo, primeiro se tivesse adextrado a assinar o indulto dos perseguidos de Janeiro.

Á primeira vista, que pontos communs entre a clemencia e a pastellaria? Mui pouca coiza. Quem desenha navios precisa não ter durezas de consciencia, sabido como foi um vapor que trouxe o Imperador do Brazil ás nossas costas⁹.

Mas por ocasião da abertura da II Exposição do Grémio Artístico, no mesmo ano, já Fialho, um dos mais violentos detractores do monarca (mas, também, dos mais culturalmente equipados...), foi capaz de reconhecer o nascimento de uma personalidade artística, ou seja, a síntese entre capacidade técnica e autenticidade expressiva:

⁷ O artigo está datado: «Douro, – junho de 1903» – cf. RAMALHO, 1904: 91.

⁸ RAMALHO, 1904: 90.

⁹ ALMEIDA, 1892^a: 19.

No grupo novo o logar de honra pertence ao rei D. Carlos, cujos pasteis passam de prenda á categoria d'um verdadeiro trabalho d'arte. O curioso acabou-se, e agora é necessario apontal-o entre os pouquissimos que n'este paiz de costa verdadeiramente sentem a marinha, e entre os raros que na exposição se esforçam por pintar em portuguez. Os seus dois pasteis de leziria revelam o olho afeito, não a aperceber objectos, mas conjunctos, e a guiar-lhe o pincel por um caminho de nuances, d'onde os nossos pastellistas mais habeis raro teem conseguido tirar triumpho a limpo¹⁰.

Ainda Fialho, e a propósito da mesma exposição, desenvolve num outro texto, com inexcusável sarcasmo, não só a crítica da vocação régia, como da prática artística em geral no seu aparato mundano, e não excluindo o papel... dos próprios críticos:

A exposição promovida nas salas da Academia de Bellas Artes de Lisboa, pela sociedade de pintores e homens de letras denominada Gremio Artístico, funde em si os trabalhos dos artistas que costumavam expôr no Grupo do Leão, accrescentando-os dos que lhe poderam advir dos ateliers dos nossos pensionistas de Paris, e assim d'aquelles que a curiosidade particular conseguiu gestar nos seus periodos de volage esthetica e – vá lá a scie – nephelibata.

Não premedita, julgo eu, pasmar o mundo, nem é provavel inspire uma pagina forte aos Lepelletier e Paul Mantz da alface, sempre tão mal humorados perante as obras d'arte nacionaes (...).

De sorte que reservarei para outros annos de pintura mais fertil, as saudações que desejaria lançar no caminho d'alguns figuristas e paysagistas da minha estima, e deixarei no escuro outros, cujas locubrações não valem mesmo a commiseração d'um epitaphio. A estes digo entanto: porque fazer pintura a oleo, quando vocês poderiam vender tão bonitos chapéus e confecções? Porque consagrar á esculptura inaptidões que seriam talentos n'uma fabrica de muringes e panellas vidradas?

Oh, as vocações invertidas! Os destinos falhos, por causa ás vezes d'um conselho mal dado, ou d'uma inclinação mal entendida! Por exemplo, deante das quatro marinhas a aguarella de sua magestade el-rei D. Carlos, quem não ousará preferir no excelso principe, o pintor ao monarcha, e o colorista de botes á vela, ao precózmente nutrido generalissimo?

Entanto veja-se como a sua palleta é magnanima, que até para democratizar a arte ao nivel da dos seus subditos, propositou sua magestade não ser sempre admiravel, e conseguiu-o, a ponto d'uma das suas mais bellas falúas á vela ter sido descripta e criticada nos jornaes, como uma vista da Serra de Cintra, a mais não rustica!...¹¹.

Em 1899, de novo sobre a exposição anual do Grémio Artístico, Fialho retoma os tópicos essenciais da sua visão da obra de D. Carlos:

¹⁰ ALMEIDA, 1892^b: 23.

¹¹ ALMEIDA, 1892^c: 287-289 e 338-339.

O Rei D. Carlos com o seu Levantar duma armação de atum (Algarve), é dos que mais cavalleiramente hombream no certamen. O seu pastel, mau grado o ser filhado na instantaneidade um pouco mechanica do Kodak, tem todavia qualidades de quadro que põem o monarcha em artista, desmentindo o parecer dos que vêem na obesidade um signal d'estupidez.

Desenho largo, seguro traço, comprehensão integral do conjunto de fôrmas que em materia d'arte pintada devam constituir o quadro, isto é, o drama completo, synthetico, caracteristico dum mais vasto cyclo d'estados emotivos – tudo isto ha no pastel do reiset portuguez, que senão fôra aquella côr de lytographia colorida, seria um dos mais flagrantes trechos da vida piscatória, fixados em papel, desde alguns annos.

Infelizmente a côr das aguas falseia o azul turqueza da irradiante costa algarvia, onde o mar é mediterraneo já, na apaixonada belleza do plaino salso; e toda aquella toirada marinha, que outra coiza não é o erguer das armações d'atum, parece decorrer numa grande tina de mercurio, com a sua onda densa e xaroposa, os perfis da costa abaixando-se ao rez d'agua, e prejudicando assim a ideia classica que se tem das falaises soberbas, tragicas, desmanteladas, que vão desde a ponta de Lagos, ao monumental cabo de Sagres, de henriquina evocação.

Estas aptidões artisticas, dobradas doutras, sportsmanicas, que o sr. Carlos Gonzaga usa exhibir na cortiuncula de antigos moços de curro e heroes disponiveis, de que se cerca, teem-no conseguido pôr sympathicamente até aos olhos dos jacobinos ferôzes, que enfim, á phrase classica do rei «reina e não governa», não teem remedio senão accrescentar a attenuante, «mas já pinta». Pinta e muito bem, e só elle vale, nesta exposição, quasi todo o Gremio Artístico.

No caso d'elle, guiando-nos o criterio de que todo o homem valido tenha obrigação de ser util dentro da esphêra em que é eleito, o que nos cumpriria fazer, era abdicar sem perda de tempo, e abrir atelier de pintor retratista, com vista aos atuns d'ambos os sexos¹².

Por seu turno, Emídio de Brito Monteiro havia-se pronunciado em 1891, na Exposição inaugural do Grémio Artístico, confinando o monarca à categoria de amador. Mas logo no ano seguinte este severo crítico se apressava a emendar a mão:

O sr. D. Carlos que na primeira exposição do gremio apresentou aguarellas de amador, agora mostra-se um verdadeiro artista. Os seus pasteis são bellas obras d'arte, perfeitamente entoados, de impressão justa e execução primorosa, – especialmente o grande, em que as aguas e o céu são de uma bella transparencia e o da esquerda, em que o Tejo entra pelas margens alagadiças, magnifico de côr local¹³.

E Brito Monteiro não hesitaria mesmo, pouco depois, em se penitenciar detalhadamente, nas páginas de um diário de larga circulação:

¹² ALMEIDA, 1903: 153-156.

¹³ SINCERO, 1892^a: 115.

Na pintura a pastel dois artistas brilham com elevado realce, o sr. Antonio Ramalho na figura e El-Rei D. Carlos nas marinhas.

Do sr. D. Carlos disse eu o anno passado que expuzera as suas aguarellas, não como artista, mas como rei e fiz até a esse propósito considerações philosophicas e transcendentales, com as quais – confesso-o sinceramente – eu julgava ter mettido uma lança em Africa!

Com os pasteis, porém, que agora expoz, el-rei mostrou-me que nas ditas considerações transcendentales e philosophicas me estendi rasamente, dei raia!

É que toda a gente o disse e reconhece – os pasteis do sr. D. Carlos são bellas obras d’arte, superiores pela composição, que é de verdadeiro artista, e pela factura, que é de um praticante consummado.

Em especial no grande, magnifico de aspecto, luminoso e quente, ha coisas primorosas de execução. E o da esquerda, representando uma paisagem das margens do Tejo, não lhe é talvez inferior; se é menos brilhante, é mais verdadeiro, mais justo de côr local¹⁴.

Os excertos relativos a D. Carlos que se colhem na vasta obra crítica de Bartolomeu Sesinando Ribeiro Artur iniciam-se em Maio de 1892 e assumem, na perspectiva mais propriamente técnica, uma centralidade inegável:

O sr. D. Carlos apresenta-se um artista consummado, attestam-no os seus pasteis, que fazem a admiração de todos os que sabem devidamente apreciar-os (...) Raphael Bordallo, ao ver os trabalhos de El-Rei, exclamou:

«– N’um paiz onde o rei desenha melhor que os artistas, deviam estes ir occupar o throno».

Entre os artistas Sua Magestade sente-se bem, e elles estimam-no de coração, por que vêem n’elle um dos seus mais talentosos camaradas (...).

Não hesito em dizer que os trabalhos de Sua Magestade me enthusiasmaram. Houve quem, vendo-os, se lembrasse de que o sr. D. Carlos recebêra lições de Casanova para lhe approximar as maneiras; a verdade, porém, é que a maneira delicada e um pouco convencional do distincto aguarellista nada tem de commum com a factura rasgada, atrevida e original dos regios trabalhos que figuram na exposição.

As paisagens das lezirias do Tejo revelam, alem do conhecimento do mister, uma comprehensão perfeita do local.

Vê-se que El-Rei tem impressa na retina a imagem nitida dos terrenos alagadiços que marginam o formoso rio, onde os juncaes de um verde escuro são interrompidos pelo serpenteante fio de prata. Illuminada friamente pela luz da madrugada, uma das paisagens, onde um barco com as vélas de um ocre rouge marca uma nota frisante, é de uma justeza absoluta. Chamavam ao avô do sr. D. Carlos o Rei artista, mas o neto é que bem merece este cognome¹⁵.

¹⁴ SINCERO, 1892^b: 2.

¹⁵ ARTHUR, 1896: 225-226.

Logo no ano seguinte dá o distinto militar prova da sua isenção:

Foi menos feliz este anno o regio artista, que expõe um – Combate naval –, e uma – Paisagem do Ribatejo –, de pittoresco motivo. No – Combate naval –, os navios entram bem na agua e o conjuncto está tratado largamente; mas o assumpto difficil, exige, para quem d'elle se occupar, muito aturado estudo, ou uma evocação feita por poderosa phantasia capaz de dar vida á visão reveladora.

A – Paisagem do Ribatejo – tem parte das aguas bem achadas, assim como os longes, mas, em geral, principalmente nos primeiros planos, onde ha uns juncos que prejudicam a factura, apresenta uma rigidez desagradavel. O que é innegavel é que ás obras firmadas por Sua Magestade preside uma primorosa escolha, têm sentimento, e, ainda quando se lhe encontrem defeitos, mostram qua as executou mão adestrada¹⁶.

Em 1894 D. Carlos ousou tocar o topo da clássica hierarquia dos géneros, inspirando-se em consagrada fonte literária:

Sua Magestade El-Rei apresenta um trabalho a pastel, importante, pois a pintura historica é o ramo que maior seriedade exige n'um artista. Não bastam n'ella virtuosiddaes de pincel, simples emoções de sentimento, exige o emprego de altas faculdades de espirito, para a interpretação e composição do assumpto.

O motivo escolhido pelo senhor D. Carlos na sombria tragedia do Demonio do Meio Dia, é esplendido. A scena que o quadro representa já a pintára n'uma emocionante poesia o mallogrado artista das Miniaturas¹⁷.

E, depois de citar os tercetos de Gonçalves Crespo, comenta Ribeiro Artur:

O terrivel inquisidor tem no quadro uma attitude soberba quando aponta para exemplo ao rei da terra a justiça do rei do céu. O altivo e implacavel Philippe parece velho em demasia e muito curvado para a dureza do seu character. O tom geral do esboceto é encantador na sua harmoniosa sobriedade e o panno d'Arras do fundo tem bellissimos toques¹⁸.

Em Abril de 1896 aborda o mesmo autor outra das mais conhecidas obras do monarca:

Seduzia tambem pelo seu chic o grande quadro do sr. D. Carlos = Gado á bebida =; deixou-me, porém, relativamente frio este regio trabalho d'arte, a mim que, quando vou ao Gremio, demoro sempre, preso por um novo encanto, diante d'aquella primorosa =

¹⁶ ARTHUR, 1896: 295-296.

¹⁷ ARTHUR, 1896: 316.

¹⁸ ARTHUR, 1896: 317.

*Marinha = do Ribatejo, que me assombrou quando appareceu em publico (...). Póde considerar-se um bom trabalho o que Sua Magestade expõe este anno mas é muito menos sincero e muito menos sentido, visa ao effeito e tem grandes incorrecções no desenho dos animaes (...)*¹⁹.

Na 7.^a Exposição do Grémio Artístico o aguarelista amador aprecia mais um exercício a pastel de D. Carlos:

*O = Pôr do sol = a que póde notar-se pouca fuga d'horizontes e uma certa opacidade na espuma que ressalta nas rochas, é um trabalho arrojado, de bastante merito pela interpretação e execução. O sol mergulhando no oceano deixa no ceu listrões esbraseados e atira pedras preciosas á ondulação das vagas. Um formoso estudo de poente, feito a pastel por mão experimentada d'um observador que sabe ver e sentir*²⁰.

A 8.^a Exposição do Grémio assumiu carácter extraordinário, por se incluir nas comemorações do Centenário da Índia; e marcante foi também a contribuição do rei,

(...) seis grandes quadros a pastel, entre os quaes se distinguiam pela sua primorosa execução, o – Arco da Penha Verde – e a – Charneca dos Almos – de uma impressão tão suggestiva. Se o primeiro é um pedaço escolhido, e interpretado com amor, da ridente Cintra, o segundo é talvez mais sentido, traduz o sentimento de gravidade melancolica das vastas e fugidias planicies do Alemtejo. Alguns dos outros quadros como o – Por do sol – e Uma onda – tem arrosos que surpreendem n'um amator (...).

*Devia realmente ser uma surpresa, para os estrangeiros que visitaram a exposição o talento artistico do rei de Portugal*²¹.

Em 1901, na 1.^a Exposição da nascente Sociedade Nacional de Belas Artes, continua Ribeiro Artur a manifestar a sua probidade:

*No desenho occupa distincto logar Sua Magestade El-Rei com o grande pastel – Antes da caçada – caracteristico episodio da vida alemtejana. A composição é muito interessante pelo bom agrupamento das figuras, mas estas teem uma certa dureza, e o tom geral é crú. Impressiona menos vivamente do que os formosos estudos de paisagem com que Sua Magestade tem por mais d'uma vez honrado as nossas exposições artisticas, porque se desprende do conjuncto menos emoção, menos arte*²².

¹⁹ ARTHUR, 1898: 236.

²⁰ ARTHUR, 1898: 263-264.

²¹ ARTHUR, 1903: 240-241.

²² ARTHUR, 1903: 284-285.

Por último, dois anos mais tarde, o discípulo de Enrique Casanova demonstra o seu saber prático, bem melhor do que o formalismo terminológico em que se iria perder o literato Monteiro Ramalho:

No pastel (...), distinguia-se como sempre Sua Magestade El-Rei que expoz um formoso – Efeito de luar no sado –; além d’este trabalho em que manifesta a já tão conhecida e admirada proficiencia artistica, apresenta um outro estudo do formoso rio, executado pelo processo Raffaeli.

O trabalho com estes lapis gordos não pode bem chamar-se pintura, pois pelo seu processo d’execução é um desenho a côres como o pastel. Não tem d’este o avelludado e a finura, mas compensam-lhe estas qualidades o vigor e a solidez, e sendo Sua Magestade um eximio pastellista, resulta igualmente perfeito o seu desenho pelo processo Raffaeli. Raffaeli, artista d’origem italiana, considerado como um dos mais notaveis pintores francezes, tem uma vasta e interessante obra, onde podem notar-se diversas paragens d’aperfeiçoamento, e este novo modo d’aplicar tintas permite-lhe juntar n’uma pintura a riqueza do pincel com a liberdade do lapis²³.

Em 1893, comentando a Exposição do Grémio Artístico, o popular Doutor «Quim Martins» não poupou, em breves parágrafos, a produção do monarca:

S. M. El-Rei foi êste ano menos feliz. Todavia a sua batalha naval é melhor que a do Sr. Dantas. A pintura de S. M. que tem um toque largo e original, é porém uma pintura de curioso feita em horas de aborrecimento, aos bocados, de chic, e de cor.

A sua paisagem do Ribatejo é o seu quadro do ano passado levemente modificado, é ainda o quadro a óleo do Paço de Sintra datado de 1885. O mesmo fundo, a mesma água, as mesmas plantas aquáticas, o mesmo céu luminoso e claro, céu que S. M. vê sempre como caçador, e que dá como caçador, enchendo-o de aves, cujo movimento conhece como caçador, por isso se encontram em todos os seus quadros as mesmas aves, elevando-se do fundo, como um papagaio enorme deitado por uma criança.

A pintura de S. M. é uma pintura bem constitucional; que é o cúmulo do constitucionalismo repetir todos os anos o mesmo quadro, como todos os anos se repete... o mesmo discurso da coroa²⁴.

Toda a construção do texto se orienta para um remate *blagueur*, de expressa intencionalidade política. Mas, mais ainda, emerge um preconceito social, que inferioriza a prática artística amadora circunscrevendo-a a um ócio mundano e, sobretudo, apoiado numa experiência visual prosaica, limitada a prazeres cinéuticos.

²³ ARTHUR, 1903: 315-316.

²⁴ CARVALHO, 1926: 39.

Dois anos depois, em 1895, novamente no Grémio, o futuro Professor de Estética e História da Arte da Universidade de Coimbra seria bastante mais agressivo:

– Onde estão os quadros do Rei?

– Aqui!

– Isto?!

(...) *Ser isto um quadro de paisagem e representar o Alentejo!*

A pintura de El-Rei é fria, sem côr, sem luz. Um dos mais distintos pintores portugueses disse-me que o quadro era interessante, mas que não se sabia se era dia ou noite.

Sôbre isso não tenho dúvidas: o Alentejo de Sua Magestade é, sem dúvida, sonhado: o sol, a lua e as estrêlas nunca deram um efeito assim. As sombras estão rigorosamente marcadas; há luz que ilumina o quadro; mas não é a do sol, falta-lhe o brilho e o calor; mas não é a luz azulada do luar...

A paisagem de Sua Magestade tem um defeito capital: não é uma estação, nem uma hora do dia. As árvores têm fôlha, mas é impossível dizer em que mês se passa a scena que Sua Magestade quis fixar na tela.

Há mais outro defeito capital no pequenino estudo de El-Rei. O quadro é feito a óleo, mas o colorido é o do pastel. Este defeito notámos já em outros trabalhos de Sua Magestade, e particularmente numa aguarela (marinha) que vimos há anos na exposição da Sr.^a Duqueza de Palmela, no salão da livraria Gomes. Nesta aguarela, dum desenho muito irregular, a atmosfera parecia feita a pastel. O mesmo defeito se nota êste ano no Grémio em uma pequena aguarela de Lallemand (Barco de passagem). Monteiro Ramalho no seu grande quadro O Alfeire cometeu êrro análogo, tratando a atmosfera e as árvores como se fôsem pintadas a aguarela.

Sua Magestade não é único a errar nesta pequena exposição e, exactamente por os quadros de Sua Magestade sintetizarem em dois esboços todos os defeitos dos pintores portugueses, de pouco mais trataremos do que dos quadros de Sua Magestade.

Sua Magestade maneja com facilidade o pincel e pinta a-pezar disso mal; porque os mestres lhe ensinaram a pintar mas não o ensinaram a ver. Sua Magestade, como os seus súbditos, pinta os seus quadros em casa; quando sai fora, Sua Magestade vai correr touros, guiar os seus cavalos, à caça da perdiz ou da lebre, pescar, gozar, viver. A natureza nunca a vê senão com a sua preocupação habitual, e assim vê-a muito bem Sua Magestade. Nenhum caçador tem a pontaria mais certa do que El-Rei, nenhum diz com mais segurança se na paisagem há perdizes, se aquelas águas fundas têm barbos, ou se no ribeiro há trutas.

Se num momento de distracção Sua Magestade dá pela beleza da paisagem, tira rapidamente uma fotografia, meio simples e fácil de obter uma impressão, mas incompleto... É por isso que os quadros de Sua Magestade fazem lembrar fotografias coloridas. O desenho é rigoroso, as sombras estão marcadas; mas a paisagem é fria, sem luz. Há árvores, casas, animais; mas ninguém poderá dizer em que país, em que estação e em que hora do dia se passou aquela scena.

Pelo contrário, as fotografias dos quadros de Sua Magestade devem favorecê-los, dando apenas o claro-escuro que por ter sido feito talvez por fotografia é duma impressão exacta.

Parece ser este o critério dos artistas nacionais que na Arte Portuguesa publicaram como primeiro trabalho artístico de El-Rei – uma fotografia!...

A marinha, de Sua Magestade, é um pastel feito com virtuosidade, mas sem valor artístico. Há todos os lugares comuns conhecidos neste quadrinho que nos dá a impressão de coisa já muito vista. Não se sabe também a hora do dia; o céu verde e vermelho enfarruscado é o dos panos de sexta-feira de Paixão.

No primeiro plano levanta-se a quebrar uma onda verde, sem transparência, esfarrapada ao alto pelo vento. Uma gaivota de pavavent branca vem mais adiante a mergulhar, ao longe um navio sem formas nem desenho.

Neste quadro revela-se-nos bem a inferioridade artística de El-Rei. Podia não saber pintar e ter talento, mas El-Rei sabe todos os segredos da técnica e faz maus quadros.

São quadros de atelier, feitos a alinhar tintas que não ofendem a vista, que fiquem bem. E é tão cómodo pintar a pastel, há tantos crayons, de tanta côr tôdas as das borboletas e das flores!

Por este processo faz-se deliciosamente papel pintado, mas nunca um quadro, nunca uma obra de arte.

Em todo o caso, El-Rei D. Carlos desenha melhor que seu pai e é incomparavelmente superior a D. Fernando irônicamente cognominado o Rei-artista²⁵.

Também em 1895, ao comentar a exposição do Grémio Artístico do ano anterior, Zacarias d' Aça aprecia o trabalho de D. Carlos. A sua abordagem, porém, é duplamente respeitosa, considerando-o herdeiro do avô e aproximando-o (como outros fizeram...) do «Divino Mestre»:

Dos nomes inscriptos no catalogo d' esta exposição, dois são illustres e regios no mundo da Arte. Um – o de Sua Magestade El-Rei – representa e mantem brilhantemente as tradições artisticas da dynastia de Bragança, alliadas ás dos Coburgos, assignando um bello e vigoroso esboço a pastel – A resposta do Inquisidor – com que se dignou honrar este concurso dos artistas nacionaes. O outro é tambem de um príncipe, na Arte, que deixou cair o sceptro da mão, gelada pela morte, e não poudé já assignar a ultima pagina da sua primorosa e opulenta galeria!

Incompleto como está, simples como é, aquelle quadro de Silva Porto é altamente suggestivo – mas suggestivo de tristezas²⁶.

A autenticidade do sentimento nacional, regionalista e localista de D. Carlos foi também vigorosamente defendida por Ramalho Ortigão, num notável estudo já após o regicídio e que, quanto a nós, não pertence já, na verdade, ao domínio da Crítica, antes inaugura a Historiografia do pintor:

²⁵ CARVALHO, 1926: 81-83.

²⁶ AÇA, 1895: 28.

Nenhum dos provocantes atractivos de moda, de elegância, de luxo cosmopolita de castelo ou de casino, de vilegiatura rica, de garden-party, de batalha de flores ou de concurso hípico, seduzem o vernáculo portuguêsismo da sua índole afectuosa e modesta, ternamente fiel aos usos, aos costumes, à tradição do seu lar.

O que ele elege do mundo e da natureza para, no afago da transcrição artística, concretizar a sua pessoal maneira de sentir e de pensar perante a misteriosa sugestão das coisas, é o mar da costa de Portugal, é o estuário do Tejo, é a baía de Cascais e é a sua província do Alentejo na mais rústica e mais popular expressão da simples vida agrária²⁷.

Em 1900 Ramalho Ortigão notara ainda a carência de um regionalismo pictórico, que nos identificasse no concerto das nações europeias:

Na pintura subsequente à escola de Vieira Portuense, de Taborda e de Pedro Alexandrino, a qual tinha as suas raízes no século anterior, é flagrante, mais do que em qualquer outra expressão da arte moderna, o desnacionalismo de que acima falei.

Se abstrairmos de algumas cenas rurais de Anunciação, de algumas paisagens de Silva Porto e dos seus discípulos, de algumas marinhas de Vaz, de alguns aspectos alentejanos e algarvios dos quadros de El-Rei, a moderna pintura portuguesa é, no seu conjunto, destituída da acentuação regional, com que cada vez mais procuram hoje caracterizar os seus quadros os pintores holandeses, os suiços, os escandinavos, os espanhóis, os russos, os ingleses, os franceses e os belgas. Como classificação geográfica, apesar da virtuosidade magistral de alguns artistas, apenas da nossa pintura se pode dizer que ela é vagamente europeia²⁸.

Em 1901, José de Figueiredo, cuja vocação e preparação crítica se distinguiam, seleccionou D. Carlos para o restrito lote de pintores que, a par de uma selecta amostra de artes tradicionais, constituiriam a síntese da própria imagem nacional, ao mesmo tempo orgulhosa do seu património e da sua modernidade:

Para nós o grande ideal era realmente este: a construção d'um só pavilhão, e o aproveitamento d'elle para exposição dos productos das nossas industrias – mas principalmente d'aquellas que pudesse apresentar em competencia, – de envolta com o que de mais typico e de melhor tem produzido até hoje a nossa arte. Fariamos assim o que fez a Hungria, a Hespanha, a Allemanha, e a maior parte dos outros paizes.

As nossas almandras, ou cobertas de linho crú bordadas a sêda, como as nossas arcas e as tão typicas caixas encouradas que foram no seculo XVI uma das mais famosas manufacturas de Lisboa, teriam tambem ahí o seu logar de mistura com as nossas faianças, entre ellas as de Darque (Vianna), as da Real Fabrica do Rato (Lisboa) e as de outras olarias semelhantes do Porto e Gaya.

²⁷ ORTIGÃO, s/d: 95.

²⁸ ORTIGÃO, s/d: 225-226.

Typos que, pela qualidade do fabrico e pela viveza e garridez do colorido, se impõem, embora, nos seus delineamentos, sejam, como todos os outros, decalcados sobre modelos estrangeiros.

Com tudo isto, e além do que temos de bom na nossa ourivesaria religiosa (collegiada de Guimarães, museu de Coimbra, etc.), os melhores quadros de Silva Porto, Marques d'Oliveira, Xavier Pinheiro, Arthur Mello, os da primeira phase do pintor Ramalho, manchas de Candido da Cunha e Julio Ramos, e algumas paisagens alemtejanas de El-Rei, teriamos facilmente tornado typico e interessante este pavilhão.

Que, ao lado d'elle, concorressemos ainda, como fizemos, à secção de Bellas-Artes, e na de Alimentação nos apresentassemos com o alto brilho que lhe soube dar o seu organisador, comprehendia-se. O que porém se dispendeu, inutilmente, com as demais secções é que se poderia, assim, ter gasto muito melhor e com mais resultado²⁹.

E, mais adiante, pôde pormenorizar o seu comentário ao trabalho artístico do monarca:

Sua Magestade El-Rei, não tanto pela grandeza da sua obra, que é relativamente pouco numerosa, mas pelo character com que geralmente a reveste e lhe dá brilho, merece tambem aqui uma menção, e menção especial.

O sr. D. Carlos não foi porem muito feliz no que expoz. O seu pastel «A pesca do atum», se tem um certo movimento e um bom arranjo nas figuras o que, pelo seu grande numero, era difficilimo, é comtudo muito inferior ás outras telas que lhe conheço. A tonalidade é aspera, pouco fluida, sobretudo no primeiro plano, o mar, que por isso se immolisa n'uma dureza desagradavel e ingrata.

Não tem nem a grandeza larga e admiravel da «Tempestade», uma impressão de mar alto que, mais que vivida, é cheia de sonho e tragica suggestão, nem o maravilhoso hieratismo d'um outro quadro seu – hoje propriedade da illustre escriptora a sr.^a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho – «A resposta do Inquisidor», cuja solidez de desenho e colorido sobrio deram logo a El-Rei, com a sua exhibição, um logar de honra entre os artistas portu-guezes.

Não concorrendo Marques d'Oliveira, e tendo, de Portugal, Candido da Cunha exposto só um pequeno quadro: «Papoulas», El-Rei, se tivesse mandado algumas das suas tão typicas telas alemtejanas, – visto Carlos Reis já quasi nacionalisado, não o estar ainda inteiramente, – teria tido, sem duvida, na exposição de Paris, o logar primacial entre os nossos paisagistas.

D'esses quadros, o que lhe conheço da casa de Eça de Queiroz, e que por sua magestade tinha sido offerecido ao grande morto, é soberbo de character. Representa, á hora forte do dia, uma estalagem por cuja porta, no começo do segundo plano, um almocreve, já apeiado, se prepara para entrar... O colorido é quente e magnifico, e o quadro é todo elle

²⁹ FIGUEIREDO, 1901: 22-24.

d'uma alta sobriedade decorativa que é a mesma d'essa nossa provincia que o sol queima e escalva, e que, perdendo-se em grandes extensões, só é picturalmente interessante em telas, (mas n'este caso com pouco caracter) que nos dêem o indeterminado d'esse vago, ou n'aquellas que, como esta d'El-Rei, tenham o poder de fixar-lhe os seus raros motivos com profunda verdade e segura justeza.

Quando sua Magestade expoz a primeira vez, porque El-Rei era Rei!, ninguém quis acreditar que as telas que assignava fossem realmente suas. Aventaram-se varios boatos, dizendo-se geralmente que ellas eram pintadas pelo sr. Casanova. A imbecilidade da accusação que, emquanto era vaga, corria com os visos de verdade que a tudo dá o mysterio, cahiu porém, pela base, para os que sabiam vêr, logo que se precisou. O sr. Casanova, que é um delicado e distinctissimo aguarellista, não podia, comtudo, dar a essas telas a largueza de mancha que as caracterisava.

De resto, o que ellas tinham de typico e regional, e que, sendo muito differente emotivamente, só semelhantemente tinha sido até então attingido pelo grande Silva Porto, tornava tambem impossivel que a sua factura fosse a d'um estrangeiro, destacando-as egualmente da maneira dos outros nossos melhores artistas.

Convenceram-se então. Os criticos da Monaco tiveram portanto que calar-se, e, para que a consagração fosse completa, até o illustre má-lingua do sr. Fialho d'Almeida elogiou e applaudiu³⁰.

Em 1905 desenvolveria o mesmo autor o seu juízo, numa síntese sobre arte e artistas portugueses contemporâneos publicada no Rio de Janeiro:

A obra de El-Rei é já hoje longa, e toda ela, salvas pequenas fraquezas, a mais brilhante possível. Semelhante a Raffaeli, em França, que é inexcedível na transplantação à tela dos terrenos incultos dos arredores de Paris, e a Cottet, nos assuntos da Bretanha, cujo meio, vida e costumes sabe tão belamente realizar, El-Rei é um convicto regionalista. Como Silva Porto, de quem, apesar da diferença de processo, é o sucessor imediato, El-Rei passa exclusivamente à tela ou ao papel a paisagem alentejana que admiravelmente conhece. Daí a profunda verdade e a penetração íntima das coisas que revela em todos os seus quadros, e que só a sua grande convivência com a região lhe podia dar.

Há muito que nos nossos certames de Arte, ainda mesmo expondo os nossos maiores artistas, El-Rei é sempre um dos que melhor se apresentam. A sua maneira larga de pintar ou fazer o pastel, em que é primacial a segurança do seu desenho, de uma grande solidez, e a riqueza profunda do seu colorido, translúcido e de uma absoluta justeza, deram a El-Rei um lugar de honra na Arte portuguesa.

El-Rei não é só um grande pintor, é também um pintor essencialmente português. Amando a vida do campo, que conhece nas suas minúcias, os trechos que nos dá, animados ou não, têm todo o sabor local e, ainda mesmo sem título, seriam reconhecíveis para quem

³⁰ FIGUEIREDO, 1901: 64-66.

tivesse alguma vez visitado a região. O seu quadro, por exemplo, este ano exposto, no nosso Salon, Paisagem Alentejana, como quase todos os que de El-Rei conhecemos, é uma obra absolutamente superior pelo poder de realização que revela e pelo sonho de que está tocado. Sua Magestade realizou com um recanto simples e característico uma verdadeira obra de Arte. A construção dos planos é soberba, justíssima na sua valorização, e isto com uma grande fluidez, sem empastamentos nem violências de tonalidade que iriam prejudicar o arejamento e frescura que são o melhor possíveis. Magnífica, também, a inteira verdade com que foi estudado por El-Rei o sobreiro meio descascado que fica no primeiro plano desse quadro.

Mas este pastel não é só notável por isso. É-o, igualmente, pelo sentimento com que Sua Magestade soube, ainda num trecho tão determinado, através da arquitectura acastelada do terreno, dar-nos o vago de melancolia que é típico da região e consequência, também, do tom triste do arvoredo. E essa justeza local é sempre a mesma, qualquer que seja a hora escolhida por El-Rei³¹.

Nos meados de 1902, Tomás Lino de Assunção, activo e responsável Inspector Geral dos Arquivos, a partir da visita à 2.^a Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes deixaria também, já pouco distante da morte, o seu apreço sobre o rei-pintor:

O Sr. D. Carlos fez-se no estudo directo e dilecto da natureza; e, como os grandes mestres, passado o periodo dos ensaios, soube encontrar, para reproduzir e interpretar essa natureza que tanto ama, maneira propria, processos originaes, que lhe constituíram esse stylo ao mesmo tempo extremamente simples e artisticamente elevado (...).

Talvez me fosse mais facil fazer a demonstração falada, em frente do magistral pastel; tanto mais que elle logo á primeira vista attrahe e encanta pela suavidade e harmonia melancolica do colorido, assim como nos commove pelo assumpto. É bem um cair de tarde, com a sua luz diffusa, o seu tom frio. É bem a beira rio na impressão de frescura e como que de humidade vitalisando a relva. É bem o nosso Riba Tejo; o nosso ceu com as nuvens que se reflectem na agua deixando ver clareiras d'azul, por entre as quaes dentro em pouco brilharão as estrellas. É bem uma obra d'amor e sympathia, – a grande instigadora dos artistas – esse pedaço de tela, onde, n'um trecho de paisagem se consegue dar a impressão dos montes que se succedem aos cerros, da campina a perder de vista, do rio que a vae cortando em curvas caprichosas, ora estrangulado ora alargando-se em vastas enseadas!

Que não tivesse senão este poder de suggestão, já em si a obra era excellente e de verdadeiro artista. Mas o que dizer do colorido luminoso e transparente? Como exprimir por palavras rapidas a sciencia do claro escuro que faz entrar o ar francamente por entre as massas, dividindo-as e collocando-as nos seus verdadeiros logares?

Apontaria a este respeito um exemplo frizante. No primeiro plano, á esquerda, eriça-se uma moita de juncos, e por entre os claros que n'elles se abrem, vêem-se as entradas do

³¹ CAVALHEIRO, 1964: 11-12.

rio e a passagem dos barcos. Basta deter a vista, poucos segundos, n'este trecho para que todos os planos tomem distancias, corpo e vida. Vida, sim: por que se attentarmos bem, temos logo a impressão que o vento dá movimento ao juncal, ás aguas e aos barcos. E é n'estas fugitivas allucinações do espirito que se reconhece o poder do artista. Em toda a paisagem sente-se, como disse, não só o ar em toda ella, mas a brisa mansa que enfuna as velas das fragatas e enruga a face das aguas sem desordenar a ramaria. Faria notar a limpidez fluida das aguas, obtida não pela reproducção d'uma formula de que uma vez se encontrou a expressão, e de que ao depois se usa e abusa, mas pelo estudo directo, dos effeitos de luz, fusão de reflexos, e projecções das massas coloridas e ao mesmo tempo e nas mesmas aguas notaria como, na sua tranquillidade de manso deslisar, nos dão a impressão da corrente que vem de longe e que, sem parar, para longe ainda vae.

Se nos chegassemos ao quadro as observações incidiriam sobre a maneira de fazer: e eu desafiaria quem o executasse melhor e por meios menos complicados e mais francos, quem tratasse com a mesma largueza tanto as grandes linhas como os pequenos pormenores. Aqui é que se aprenderiam processos verdadeiramente originaes e individuaes, absolutamente característicos, – que se não ensinam nas escolas, – e com os quaes se produzem effeitos seguros, certos e fundamente impressionistas. E note-se que esses processos são o que ha de mais simples: um traço, uma dedada, um esbatido à la diable, um esfregar nervoso do lapis, e eis um conjuncto harmonico, verdadeiro, empolgante³².

É sabido o quanto os salões de arte atraíam numerosos diletantes. Um desses plumi-tivos, que deixou incontável nota de nomes do meio artístico portuense (mas sob cuidada apresentação gráfica...), disse do rei, em Março de 1903, num impecável modo acaciano:

Começarei tal qual como indica o catalogo, apreciando, sob a impressão perfeitamente pessoal d'um provinciano, os trabalhos expostos, pela sua ordem numerica.

Primeiro estão os de S.M. Este artista amador está lá tão alto que nada poderei dizer dos seus trabalhos. Unicamente o que me agradou mais foi o No Sado – processo Raffaelli, se bem que já tive occasião de vêr trabalhos de muito maior valor executados pelo mesmo monarcha, que é inegavelmente um artista de temperamento definido³³.

Todavia, é indiscutível que a figura de D. Carlos polarizou inúmeras referências de outro quilate, que, no seu todo, documentam, em assinalável variedade de registos, a recepção que a sua obra artística mereceu.

Mas que, por outro lado, em alguns casos que sublinhámos, constituem peças importantes para a definição da própria Crítica de Arte no nosso país, nas décadas finais da monarquia constitucional.

³² ASSUMPÇÃO, 1902: 326-327.

³³ LEMOS, 1906: 42.

Bibliografia

- AÇA, Zacharias d' (Fevereiro de 1895) – *A Arte Portuguesa em 1894. II – A Exposição do Gremio Artístico*. «Arte Portuguesa». Lisboa, anno I, n.º 2.
- ALMEIDA, Fialho d' (5 de Março de 1892^a) – *14 de Fevereiro*. «Os Gatos». Porto: Typ. da Casa Editora Alcino Aranha & C.^a, n.º 39.
- (23 de Abril de 1892^b) – *14 de Março*. «Os Gatos». Lisboa: Livraria Editora de José Antonio Rodrigues, n.º 41.
- (1892^c) – *Vida Ironica (Jornal d'um vagabundo)*. Lisboa: Monteiro & C.^a, editores – Agencia Universal de Publicações.
- (1903) – *Á Esquina (Jornal dum Vagabundo)*. Coimbra: F. França Amado – Editor.
- (1912) – *Saibam quantos... (Cartas e artigos políticos)*. Lisboa: Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira & C.^{ta}.
- ARTHUR, Ribeiro (1896) – *Arte e Artistas Contemporaneos*, 1.^a série. Lisboa: Livraria Ferin.
- (1898) – *Arte e Artistas Contemporaneos*, 2.^a serie. Lisboa: Livraria Ferin.
- (1903) – *Arte e Artistas Contemporaneos*, 3.^a serie. Lisboa: Livraria Moderna.
- ASSUMPCÃO, T. Lino d' (Maio-Junho de 1902) – *Quadros de El Rei*. «Serões», 1.^a série. Lisboa, vol. II, pp. 322-327.
- CARVALHO, J. M. Teixeira de (1926) – *Notas de Arte e Crítica*. Porto: Livraria Moreira – Editora.
- CAVALHEIRO, Rodrigues (1964) – *O Rei D. Carlos perante a Arte e perante a História*. Lisboa, s/n [sep. de «Ocidente», vol. LXVI].
- FIGUEIREDO, José de (1901) – *Portugal na Exposição de Paris*. Lisboa: Empreza da Historia de Portugal. Sociedade Editora – Livraria Moderna.
- LEMOS, Antonio de (1906) – *Notas d'Arte*. Porto: Livraria Figueirinhas.
- MACHADO, Bernardino (Abril de 1901) – *Notas d'um Pae*. «O Instituto». Coimbra: Imprensa da Universidade, vol. XLVIII, n.º 4.
- ORTIGÃO, Ramalho (s/d) – *Arte Portuguesa*, vol. II, nova ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora – A. M. Teixeira & C.^a, Filhos, L.^{da}.
- PINA, Mariano (20 de Fevereiro de 1887) – *S. A. R. o Sr. D. Carlos de Bragança*. «A Ilustração». Paris, 4.º anno, vol. IV, n.º 4.
- RAMALHO, Monteiro (1897) – *Folhas d'Arte*. Lisboa: M. Gomes – Editor.
- (30 de Abril de 1904) – *El-Rei, artista, e Raffaelli*. «O Occidente». Lisboa, 27.º anno, vol. XXVII, n.º 912.
- SINCERO, João (21 de Maio de 1892^a) – *A Exposição de Bellas Artes do Gremio Artístico*. «O Occidente». Lisboa, 15.º anno, vol. XV, n.º 483.
- (29 de Maio de 1892^b) – *A exposição do Gremio Artístico*. «O Seculo». Lisboa, 12.º anno, n.º 3710.